

PAISAGENS, NARRATIVAS DE MEMÓRIA E VIVÊNCIAS EM UM MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL¹

Carlos Henrique Rezende Falci²

Mariana de Oliveira Lacerda³

Resumo

A paisagem é uma realidade a ser investigada, mas como referir-se a essa exterioridade? Nós, do projeto "A terra incógnita no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG" (MHNJB), consideramos que a paisagem assume a dimensão da relação humana com o mundo. Nesse sentido, ela não é apenas vista, mas é experimentada com todos os sentidos e repercute sobre a memória e a imaginação. A proposta é descobrir paisagens a partir das narrativas de memória de funcionários, pesquisadores, vizinhos e visitantes que convivem com o Museu. A investigação se baseou no uso de métodos de história oral, principalmente as entrevistas semiestruturadas, aplicadas em modo remoto, com temas relacionados às experiências de vida neste Museu, tentando suprir no online a impossibilidade de caminharmos com elas, ideia inicial do projeto. Como resultados parciais elaboramos modos sensíveis de vivenciar o Museu no momento pós pandemia. A "Rota de paisagem e memória: o museu do Beco", composta de um caderno da paisagem, com ilustrações e depoimentos organizados ao longo de um trajeto, apresenta um museu vivo, construído pelas memórias das pessoas da comunidade vizinha conhecida como Beco. A vivência foi realizada na Semana de Museus, IBRAM, em maio de 2022. Outras oficinas foram realizadas durante a Semana da Primavera 2022 – IBRAM, e no Festival de Verão da UFMG, em 2023, em que apresentamos uma das camadas de memória que surgiram, a das árvores notáveis. Convidamos os visitantes a realizarem um exercício de observação e criação de ilustrações e textos sobre as árvores que surgiram nos relatos investigados. Nessas duas experiências procuramos reforçar a importância do MHNJB como um equipamento cultural de Belo Horizonte, abrir um canal de diálogo com o público e partilhar visões sobre este espaço, revelando a sua terra incógnita, expressão metafórica utilizada para se referir a um território que se quer conhecer.

Palavras-chave

Paisagem; memória; vivência; museu.

¹Trabalho apresentado no Simpósio Temático [ST 01 – A multiplicidade da história oral: Memória, subjetividade e diálogo] durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo.

² Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Literatura pela UFSC. E-mail: chfalci@gmail.com

³ Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Geografia pela UFMG. E-mail: mirilacerda@gmail.com

Introdução

A paisagem é uma realidade a ser investigada na vivência de museus de história natural, mas do que é constituída a paisagem? No projeto "A terra incógnita no Museu de História Natural e Jardim Botânico, MHNJB/ UFMG" propomos uma nova forma do público vivenciar o Museu, a partir dos conceitos de paisagem e das discussões sobre memória. Nos apropriamos da noção de terra incógnita no título do projeto para dar conta justamente de aspectos não conhecidos sobre o Museu, sobretudo no que diz respeito às relações afetivas que o estruturam para, assim, revelar suas paisagens. Utilizamos o termo terra incógnita em seu sentido metafórico, porque ele nos remete a terras ainda a serem descobertas, não porque elas estejam necessariamente desabitadas ou sem história, mas porque ali existem camadas de significados a serem revelados, quando adotamos uma perspectiva relacional para discutir paisagem e memória. Esses dois termos são entrelaçados e expressam leituras possíveis de mundo. A paisagem não é apenas vista, mas é experimentada com todos os sentidos e repercute sobre a memória e a imaginação. Ao mesmo tempo que se funda no corpo, ela depende da interação objetiva com o espaço para existir. Para Ribeiro (2007), ela é um conceito essencialmente espacial e remete a certa forma de estar no mundo e de ser atravessado por ele (BESSE, 2014). A paisagem pode estar ancorada em construções físicas, em hábitos que evocam lembranças, em aspectos particulares de um local que nos fazem percebê-lo de maneira diferente do que até então estávamos acostumados. A identidade de uma paisagem, ou a forma como ela se apresenta, está diretamente ligada às camadas de memórias e significados associados a um lugar físico, o que pode conferir a este local um sentimento de pertencimento, por parte das pessoas que o habitam ou frequentam (SKEWES *et al.*, 2011).

Historicamente, o conceito de memória está associado à criação de lugares, físicos ou metafóricos, onde as lembranças podem estar guardadas, como no mito de Simônides. Os lugares de memória estão associados à maneira como as pessoas criam identidade com determinados espaços, transformando-os em lugares significativos. A esse respeito, a Convenção Europeia da Paisagem realça a dimensão da paisagem na constituição do lugar, quando a apresenta como “uma parte do território tal como é percebido pelas populações” (CONSEIL de L’EUROPE, 2000, Art. 1º). Essa definição mostra como a paisagem surge de lembranças, ligando o espaço físico a vivências, particulares ou coletivas, ali experimentadas. Quando um conjunto de narrativas de memória é agrupado e passamos a olhar para as relações entre elas, surge aí a experiência coletiva com uma paisagem, um produto da articulação e da

interdependência de três esferas: uma física, uma comportamental e outra de significação (GOMES, 2013).

Coleta de memórias e as possibilidades da história oral

Nossa proposta foi descobrir paisagens a partir de narrativas de memória de servidores técnicos, pesquisadores, estudantes, vizinhos e visitantes envolvidos com o Museu, investigando a maneira como as pessoas se lembram de locais, de eventos, de sensações relacionadas com esse espaço.

Realizamos inicialmente uma ampla pesquisa documental para compreender a história institucional. Em seguida, fizemos um primeiro encontro com a equipe de servidores e terceirizados do Museu para apresentar a proposta e consultar quem estaria interessado em participar. As entrevistas foram pensadas para acontecer no Museu, em caminhadas pelas trilhas e em locais previamente escolhidos pelas pessoas, de modo a reavivar lembranças, utilizando um roteiro semi-estruturado.

A primeira entrevista foi presencial e aconteceu em março de 2020, quando o coronavírus ainda não havia se alastrado. Foi uma entrevista semi-estruturada em que deixamos o entrevistado falar livremente, o que nos auxiliou a aprimorar o guia de entrevista. Justamente nesse momento a pandemia provocou o fechamento de todas as universidades, o que nos levou a reestruturar a forma de realizar as entrevistas para o modo online e isso nos tirava a possibilidade de caminhar pelos lugares de memória. Ainda assim, precisávamos manter as entrevistas, pois entendemos que trabalhar com fontes orais era a única forma de nos colocar em contato com questões ligadas à memória, à subjetividade e ao diálogo com as pessoas (PORTELLI, 2016). As entrevistas online passaram a representar o desafio: como falar das paisagens do Museu nesse ambiente virtual e nesse contexto de isolamento?

O roteiro se tornou fundamental para mantermos a conversa por um período que não esgotasse a pessoa entrevistada por ficar muito tempo diante da tela, mas era necessário manejá-lo de forma a estimular uma fala livre e sensível. Cada entrevista sempre contou com pelo menos três ou quatro pessoas do projeto (duas bolsistas e nós, como coordenadores). Isso nos permitiu alternar a condução das perguntas e nos conferiu liberdade para explorarmos mais de um ponto de vista sobre a conversa e sobre as respostas que surgiam.

De forma geral, todos os roteiros tinham a mesma estrutura: perfil e trajetória na universidade, primeiro contato com o Museu, o dia a dia ali (no caso de servidores, docentes e pesquisadores); os lugares de memória; as representações sobre o Museu. No sentido de

estimular as memórias sensoriais e experiências sensíveis, sempre solicitamos que as pessoas nos dissessem: um som, um cheiro e uma vista do Museu que tivesse marcado suas lembranças.

Fizemos contato com 22 pessoas em 17 encontros realizados ao longo do ano de 2020. Três encontros aconteceram em modo presencial, em agosto e outubro de 2020, como foi o caso dos moradores do Beco, comunidade vizinha ao Museu, por terem relações muito singulares com a instituição. As demais entrevistas também aconteceram ao longo de 2020, sempre em encontros semanais online, via plataforma Jitsi Meet com duração média de uma hora e meia.

Segundo Ricoeur, "o testemunho atesta a realidade da coisa passada e a presença do narrador nos locais de ocorrência" (RICOEUR, 2007, p. 172). Utilizar a história oral nos permitiu compreender o significado dos eventos vividos pelos narradores e experimentar a narrativa como processo compartilhado que inclui as dimensões do "estímulo ao narrar, ato de contar e lembrar e disponibilidade para escutar." (DELGADO, 2003, p. 23)

Como organizamos o material coletado

Após a realização das entrevistas iniciamos o trabalho de transcrição e interpretação. Identificamos temas transversais e fomos transpondo trechos das entrevistas para os documentos temáticos criados conforme as categorias da paisagem, apresentadas mais à frente neste artigo.

Nos inspiramos inicialmente no conceito de “objeto da paisagem” proposto pelos geógrafos Brossard e Wieber (1984) como a dimensão do que é visível e organizamos os testemunhos a partir de sua relação com esses objetos. A partir dos sentidos atribuídos aos objetos da paisagem, identificamos os lugares de memória passíveis de serem mapeados. Para organizar as categorias temáticas de interpretação das entrevistas, orientamos-nos pela polissemia e pela mobilidade essencial do conceito paisagem a partir de cinco abordagens possíveis apresentadas por Jean-Marc Besse (2014).

Na primeira abordagem, Besse apresenta a paisagem como uma construção mental, uma representação de mundo. Essa abordagem nos levou a indagar como as pessoas entendem o Museu de História Natural e como elas explicam este lugar para quem não o conhece. Aqui encontramos um caleidoscópio de representações: uma ilha verde na cidade, um espaço de conhecimento multidisciplinar, de formação de pesquisadores, de aprendizagem para o público escolar, de lazer e socialização integrados com a história da cidade de Belo Horizonte.

Na segunda abordagem, Besse se refere à paisagem como uma expressão do território, ou seja, ela é resultado de um processo histórico que configurou o espaço a partir da atuação humana, individual e coletiva. Essa perspectiva norteou nosso olhar para a materialidade da paisagem: os limites físicos, os muros, as cercas, as dezenas de edificações, as ruas (algumas abandonadas), as ruínas, e para as diferentes camadas temporais que precisaríamos acessar para compreender a organização deste espaço físico. Compreendemos rastros de outros tempos, quando o espaço do Museu ainda era ocupado por outras instituições.

Na terceira abordagem, a paisagem é apresentada como um sistema formado por aspectos naturais e culturais sem, contudo, se reduzir a esta dualidade. Pelo contrário, nesta visão sistêmica a paisagem surge justamente dessa interação, o que ficou muito evidente quando as pessoas mencionaram a “Mata do Horto”, como é conhecida a área verde de 600 mil hectares que integra o Museu. Descobrimos que a criação do Museu contribuiu para preservar parte da mata atlântica nativa que existia em Belo Horizonte, mas ela também é resultado da atuação de um agrônomo que trabalhou ali durante muitos anos. Pode-se dizer que algumas áreas da mata foram resultado desse projeto e muitas espécies nativas e exóticas foram literalmente plantadas. Assim, a Mata do Horto apresenta muitas camadas de significados e guarda um conteúdo tão curioso quanto diverso, a ser difundido para o público do Museu.

Na quarta abordagem, Besse ressalta a paisagem como uma entidade relacional, que se revela na experiência direta com o mundo. Com isso, ele ressalta o seu aspecto fenomenológico: “as paisagens são ambientes, meios, atmosferas, antes de serem objetos a serem contemplados” (BESSE, 2014, p.47). Essa perspectiva nos possibilitou registrar acontecimentos pitorescos que revelam a disponibilidade das pessoas em vivenciar o museu a partir de seus sentidos e de seus sentimentos. Encontramos referências a diversos lugares, exposições e acervos, e também a brincadeiras, lendas e confraternizações. Neste tema organizamos também as experiências sensoriais relacionadas a cheiros, sons, cores, sensações e sentimentos marcantes no Museu.

A quinta e última abordagem é voltada para o futuro e entende a paisagem como uma intenção de intervenção no espaço: a paisagem-projeto. Algumas pessoas disseram de suas impressões a este respeito, o que nos possibilitou incluí-las em nossas interpretações sobre memórias que continuam sendo construídas sobre esse lugar.

Os produtos finais do projeto, que apresentam todo o conteúdo em um caderno da paisagem e um mapa de memórias do caminhante, estão em fase avançada de elaboração. Contudo, alguns resultados parciais já foram produzidos e experimentados com o público.

Propomos aos visitantes dois modos sensíveis de vivenciar o Museu, inspirados na memória e na paisagem, a partir dos relatos coletados, como será apresentado a seguir.

Rota de paisagem e memória: o museu do Beco

A primeira proposta para vivenciar o Museu é uma caminhada orientada pelos moradores do Beco e por objetos da paisagem descritos por eles em suas narrativas. Denominamos essa vivência de "Rota de paisagem e memória: o museu do Beco". Ela foi organizada com a mediação de quatro moradores da comunidade e com o uso do que chamamos "Caderno da Paisagem", um documento impresso com ilustrações e textos, no formato de um percurso de visita. O material apresenta um museu vivo, construído pelas memórias dessas pessoas.

A vivência foi realizada na Semana de Museus, IBRAM, em maio de 2022, com 11 participantes, entre educadores do Museu, estudantes da UFMG e moradores de Belo Horizonte, que viram a divulgação nas redes sociais do Museu.

Propusemos atividades que resgatassem brincadeiras realizadas no espaço do Museu, como um jogo de vôlei que revivia uma prática de lazer comum das meninas e meninos do Beco há décadas atrás. Enquanto acontecia o jogo de vôlei, planejamos a encenação da assombração de uma noiva abandonada que, segundo os relatos, ronda a mata nas noites escuras. E assim, de uma forma lúdica, os moradores foram estimulados a se lembrar de histórias passadas.

Pudemos visitar alguns espaços que não costumam estar abertos à visitação, mas que se revelaram locais significativos para as moradoras do Beco, como a Casa do Índio e o campinho, um campo de futebol desativado dentro do Museu. Dentro da ideia de construir narrativas com as memórias coletadas, ligamos esses espaços aos momentos relevantes para as infâncias do pessoal do Beco. Essa forma de condução despertou a curiosidade de conhecer mais esse Museu invisível, constituído por lembranças não mais presentes no espaço, mas que podem ser reavivadas pelo diálogo, pela conversa, pela força da história oral.

Ao longo da caminhada, a cada parada em algum lugar de memória, convidamos uma das pessoas participantes a ler trechos do Caderno da Paisagem associados àquele espaço, como forma de tomarem contato direto, no corpo e pela voz, com as memórias de moradores. Esses momentos ativaram novos olhares sobre o Museu, algo fundamental para a experiência proposta, uma vez que "[a caminhada] requalifica o espaço, no sentido próprio do termo: dando-lhe novas qualidades, novas intensidades" (BESSE, 2014, p. 55).

A Casa do Índio, hoje parcialmente em ruínas, se mostrou uma oportunidade de refletir sobre a presença indígena ali. Houve um momento na história em que um grupo indígena chegou a morar nessa casa, que passou a ser conhecida como “a Casa do Índio”. Esse grupo fez parte de um batalhão especial da Polícia Militar, por volta da década de 70. As narrativas dos moradores falam dessa presença sem que seja possível precisar o que de fato aconteceu. Muitos se lembram das brincadeiras de arco e flecha com as crianças indígenas que estudavam na escola estadual vizinha ao Museu. Na visão de Walter Benjamin (1984), a ruína se comporta como uma alegoria, incompleta, aberta a significados. Nesse sentido, as ruínas da Casa revelam-se como uma fissura no tempo, um testemunho do que poderia ter sido e não foi. Mais do que um resgate de um passado perdido, as ruínas mostram um lugar para imaginar outros futuros.

Agrupamos às narrativas do Caderno algumas atividades sensoriais como forma de despertar o olhar e o corpo para a presença da mata. Os moradores se lembraram de uma enorme caixa d'água de concreto que até hoje está dentro da mata, e realizamos uma atividade nesse local. Estávamos diante de uma terra incógnita, uma vez que não se trata de espaço aberto às visitas, mas que se faz muito presente nas memórias narradas pelos habitantes do Beco. Como era um espaço com muitas árvores em volta e as narrativas tratavam desse contato com o subir em árvores, propusemos uma experiência sensorial em que as participantes da oficina se dividiram em duplas para a atividade. Numa pequena clareira ao lado da caixa d'água, uma das pessoas seria vendada, e levada até uma árvore próxima, podendo tocar e sentir a mesma durante alguns minutos, procurando experimentar o máximo de detalhes dessa árvore. Depois, ela seria conduzida de volta à clareira, sua venda seria retirada e ela deveria andar pelo lugar, tocando as árvores e tentando reconhecer a árvore que ela havia tocado.

Para finalizar a oficina, conduzimos os participantes a uma área do Museu que não está aberta à visita atualmente, denominada de Campinho por funcionários e moradores. Ali, eles se reuniam para jogar bola nos finais de semana, ao final do expediente da sexta-feira e nos domingos. Terminamos a oficina em meio a conversas e lembranças dos participantes sobre o Museu, suas lembranças dali, de suas infâncias, com as pessoas querendo saber mais sobre o Beco e seus moradores, numa mostra da potência que ações de conversa e diálogo possuem para trazer à tona memórias guardadas, sejam elas individuais ou coletivas.

Árvores e memória: uma vivência na mata do Horto

A segunda vivência proposta foi inspirada nas árvores. Nesta oficina intitulada “Árvores e Memória: uma vivência na mata do Horto”, apresentamos uma das camadas de memória que

surgiram, a das árvores notáveis. Realizamos três edições até o momento: uma durante a Semana da Primavera, em setembro de 2022, evento nacional promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus, IBRAM; a segunda durante o Festival de Verão da UFMG, em março de 2023; e a terceira na Semana de Museus, em maio de 2023, evento nacional também promovido pelo IBRAM. Já participaram desta vivência educadores, professores, estudantes, fotógrafos, poetas e aposentados somando aproximadamente trinta pessoas.

Convidamos os visitantes para realizar um exercício de observação e criação de desenhos e textos. Nos apoiamos na postura do escritor e aquarelista John Ruskin, a partir de um capítulo do livro *A Arte de Viajar*, de Alain de Botton, para estimular uma reflexão sobre a importância de reparar cenas cotidianas e de recriar a beleza com as mãos para firmar lembranças. Utilizamos o Anfiteatro da Mata, uma estrutura ao ar livre, onde nos organizamos em roda, sentados no chão. Iniciamos a vivência com uma prática respiratória de interiorização para desacelerar o corpo e a mente. Os participantes se apresentaram e ouviram a explanação sobre a proposta da vivência. A seguir, solicitamos aos participantes que virassem de costas para o centro da roda, se voltando para a mata, deixando os olhos divagarem, enquanto líamos algumas passagens textuais referentes a John Ruskin, como esse fragmento textual:

“existe apenas uma maneira de se apossar realmente da beleza, que é entendendo-a, tornando-nos conscientes dos fatores (psicológicos e visuais) responsáveis por ela e, finalmente, a maneira mais eficiente para buscar esse entendimento consciente é pela tentativa de descrever lugares belos através da arte, da escrita ou do desenho, a despeito de termos ou não algum talento para tal (BOTTON, 2003. p.160).

John Ruskin relata que havia visto muitos carvalhos na vida, mas somente depois de uma hora desenhando um deles, começou a apreciar e a recordar sua identidade. E assim nos inspiramos na atitude de observação demorada para propor a aproximação com algumas árvores do Museu: Umbu, Sumaúma, Ginkgo Biloba, Barriguda, Guapuruvu, Jequitibá e o Bambuzal. Fizemos um tour de reconhecimento dessas árvores e, em cada uma delas, lemos fragmentos de depoimentos coletados na fase inicial do projeto. São memórias que criam significados, como nesses exemplos: a sumaúma árvore da vida, mãe da mata; o Jequitibá do Museu que lembra o Jequitibá do sítio arqueológico no vale do Rio Peruaçu; o mesmo jequitibá que lembra a visita de Einstein ao Jardim Botânico no Rio de Janeiro, em 1925; o fruto do Jequitibá e o apito do curupira; a Ginkgo Biloba, uma espécie sagrada no oriente; o Bambuzal e os encontros amorosos de um taxista de Belo Horizonte; o Umbu e as memórias de uma infância; o Guapuruvu, a canoa da terra e a cidade de Belo Horizonte.

Depois de conhecer as árvores, foi o momento de cada participante receber seu kit: uma prancheta e uma folha de papel A3, lápis e giz de cera coloridos. Iniciou-se uma imersão de uma hora. Este foi o momento de cada um se demorar ao lado de uma árvore e de reparar, se inspirando na arte para construir novas memórias.

Após três experiências, a vivência das árvores sofreu ajustes e vem sendo aprimorada, se consolidando como um recurso educativo direcionado a todas as pessoas interessadas em viver a experiência do desenho. Não é preciso ter talento, basta querer sair de uma posição de observação apressada para outra mais lenta, em que construímos memórias, consolidamos lembranças e capturamos a nossa imaginação. Essa concepção abre o caminho para uma conversa cujo elemento principal é a troca de sensações, uma abertura coletiva para as subjetividades individuais.

Das avaliações deixadas pelos participantes, quando perguntamos qual ou quais as atividades mais interessantes da oficina, as mais citadas foram: os atos de desenhar, de ter tempo para observar e de ouvir histórias contadas sobre as árvores. Valorizaram também o momento final no qual compartilhamos nossos desenhos e nossos sentimentos em relação à experiência.

Como sugestões, surgiram propostas de fazer a trilha com a participação das pessoas entrevistadas, aumentar a duração da vivência, ampliar a divulgação e ofertar com regularidade. Os participantes valorizaram a possibilidade de diálogo e troca de percepções, reforçando mais uma vez o caráter de escuta horizontal da vivência, característico também de metodologias que utilizam a história oral.

Nas duas propostas de vivência, a do Beco e a das árvores, procuramos reforçar a importância do MHNJB como um equipamento cultural de Belo Horizonte, abrindo um canal de diálogo com o público e partilhando visões sobre este espaço, revelando a sua terra incógnita.

Que paisagens as memórias revelam?

Tomar por base as marcas registradas pela oralidade, por meio de entrevistas, é uma forma de estudar o passado, não para reconstruí-lo, mas para propor temas e de questões para se pensar. O nosso objetivo foi coletar relatos orais de memória individual para conhecer as formas de elaboração do passado sobre o espaço hoje ocupado pelo Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.

Nessa reflexão sobre lembranças e elaboração do passado, a referência a Walter Benjamin serve como um indicativo importante sobre como lidar com o tempo e a memória: “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança” (BENJAMIN, 1987, p. 224). Ao articular o passado

não o descrevemos, como se pode tentar descrever um objeto físico. Assim, não há uma verdade a ser alcançada, mas um processo de construção de percepções e significados (MONTENEGRO, 2007). Nessa mesma linha, Portelli (1993) observa que a característica importante da memória é que esta não é um depósito de fatos, mas um ativo processo de criação de sentidos. Sob esse aspecto, ela revela como o narrador produz um sentido sobre o passado ao construir um relato.

As memórias coletadas no projeto, bem como as duas vivências realizadas, apontam justamente para este caráter de abertura e criação sobre o passado. Tanto as pessoas entrevistadas quanto as nossas interpretações sobre o que ouvimos nos permitiram encontrar uma paisagem multifacetada, produzida por olhares muito distintos. Essa diversidade parece reforçar a perspectiva da paisagem como algo em constante transformação, num equilíbrio tênue entre os aspectos físicos e os aspectos fenomenológicos que a compõem. Entre as paisagens que surgiram nesta terra incógnita, temos uma paisagem de afeto e proximidade (lúdica), uma paisagem política de afastamento e uma paisagem de demora na e com a natureza.

Grande parte das memórias coletadas têm relação com experiências sensoriais e lembranças afetivas, revelando uma paisagem lúdica muito presente nas narrativas. Descobrir essas narrativas mostra que as experiências ordinárias, não científicas, fazem parte da vivência, ampliando o horizonte do que pode ser um Museu de História Natural contemporâneo.

A opção por conversar com os moradores do Beco nos aproximou dessas pessoas e as aproximou novamente do Museu, um lugar que já foi próximo, mas se tornou distante. Isso aconteceu porque a UFMG, ao assumir a área, cercou o espaço e passou a controlar a entrada, revelando uma paisagem política, de controle institucional e do conseqüente afastamento dessas pessoas. Se antes a mata era vista como lugar aberto, com a criação do Museu surge um novo conjunto de regras e normas para utilização do local. Apesar desse distanciamento, a mata povoa a infância de quase todas as pessoas com quem conversamos. As formas de vivenciar o espaço são indicativos de como essa paisagem se constrói também pelos aspectos culturais e naturais presentes ali. Assim, o que hoje é a mata do Horto na visão de muitas pessoas é fruto de um processo histórico mais amplo. As ações humanas individuais e coletivas têm grande parte de responsabilidade sobre a configuração espacial, como bem indica Besse quando trata da paisagem como uma expressão de um território construído socialmente.

Ficou muito evidente a importância do Museu como uma área verde, um espaço de lazer e de conexão com a natureza, uma forma de interromper o fluxo incessante do centro urbano. Isso foi marcante na fala de pesquisadores que consideram o MHNJB um museu sem cara de

museu, um espaço que convida os visitantes a mergulharem na mata para descobrir seus pequenos mistérios. A mata surge como lugar em que as pessoas podem se conectar com outras formas de habitar o espaço urbano, duro e agressivo da cidade: um lugar de bem-estar, uma ilha verde.

Os lugares de memória do Museu falam do passado, mas também indicam diferentes formas das pessoas se relacionarem com esse espaço e de projetarem o seu futuro. Sobre o futuro, as pessoas do Beco falaram da importância da retomada de projetos educativos para a vizinhança, especialmente para as novas gerações, uma vez que o envolvimento de crianças acaba criando um vínculo também com as famílias. Ainda sobre o fortalecimento de vínculos, pesquisadores mencionaram a necessidade de o Museu se conectar de forma mais eficaz com a população do entorno e de se tornar mais acessível para a população de Belo Horizonte.

Nesse sentido, nas vivências proporcionadas pelo projeto, ficou patente o modo como a mata e as árvores nos convidam a estabelecer uma relação com os tempos mais lentos da experiência lúdica, da troca, do diálogo, da observação, da escrita e do desenho. Um estudante, ex-educador do Museu, vê o tempo deste lugar mais próximo aos da natureza ou de espaços rurais, funcionando como um contraponto ao tempo da cidade, mais veloz e incessante. E defende que no futuro isso possa se manter. Essa paisagem de demora se destaca em todas as entrevistas, o que nos sugere pensar de que maneira esse tempo diferenciado poderia ser explorado como outra forma de aprendizagem ao ar livre, em que a natureza esteja presente de maneira mais integrada no ritmo de quem habita espaços urbanos. Essa é a contribuição desse projeto: criar tecnologias de demora, de escuta, de conversa e diálogo com os lugares, com as pessoas, diante de uma lógica que parece cada vez mais nos impedir de viver essas práticas simples e potentes.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. vol. 1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Tradução de Annie Cambé. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BOTTON, Alain de. **A arte de viajar**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2003.

BROSSARD, T; WIEBER, J.C. Le paysage: trois définitions, une mode d'analyse et de cartographie. **Espace Géographique**, Tome 13, n.1, p. 5-12, 1984.

CONSEIL de LÉUROPE. *In*: CONVENÇÃO EUROPÉIA DA PAISAGEM, 2000.
Disponível em: <https://rm.coe.int/16802f3fb7>. Acesso em 29 mai. 2023

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, n.6, p. 9-24, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: combates pela história. **História Oral** v.10, n.1, p. 27-42, jan-dez 2006.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 41-58. 1993.

RIBEIRO, Rafael. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SKEWES *et al.* La memoria de los paisajes o los paisajes de la memoria? Los enigmas de la sustentabilidad socioambiental en las geografías en disputa. **Desenvolvimento e meio ambiente**, Curitiba, n. 23, p. 39-57, jan./jun. 2011.